



NODEIRINHO (3270 Pedrógão Grande) — Telef. 52287

(Depósito Legal n.º 236/82)

MENSÁRIO — (AVENÇA)

ANO XXV — N.º 293
15 de Fevereiro de 1987

Director e Editor:
Aníbal Henriques Coelho

Propriedade da Fábrica
da Igreja Paroquial da Graça

Composição e impressão:
Gráfica Almondina / Torres Novas

Preço: série de 12 números,
um ano — 300\$00



PADRE ANTÓNIO DE ANDRADE conta como descobriu o Tibete

Desta última povoação vão subindo logo algumas grandes serras que, nos dois meses que por elas há passagem, se atravessam em vinte dias.

Não vêem povoação alguma, porque nesse lugar não há em que a possa haver, nem árvore, nem erva, nem outra coisa mais que penedias de neve, chovendo de continuo sobre elas. Porém, nos dois meses do ano em que há passagem, fica a terra descoberta na falda dos montes em algumas partes, e onde não fica estão as neves tão compactas que é fácil passar por cima. Não se acha porém lenha nem coisa que acenda fogo; e assim a matalotagem que usam os passageiros é farinha de cevada assada, a qual, quando a querem comer, deitam em água e fazem um polme que bebem, sem mais tornar ao fogo, porque o não há; e desta maneira passam e se sustentam naquele deserto; morrem porém muitos e dizem eles que há certos vapores peçonhentos que a terra descoberta de si lança, de modo que estando um homem sem lhe doer pé nem mão, lhe dão uns desmaios que em menos de um quarto de hora acabam; e eu creio que nasce isto da grande frialdade e falta de comer; e assim se lhe apaga o calor natural e falecem de repente. Tanto que as neves dão qualquer lugar, logo o Rajá do Pagode de Badrid manda pedir licença ao Rei do Tibete, com certo tributo que lhe paga, para de cá irem as cáfilas às suas terras.

Estivemos alguns dias esperando com determinação de passar na primeira cáfila; porém neste meio tempo tivemos muitos avisos e sinais manifestos que o Rajá de Siranagar nos mandava regressar e que não passássemos adiante; certificados disto, foi grande a

Continua na pág. 5

POBRAIS

Esta linda povoação pertence à freguesia de Vila Facaia. É terra muito antiga; remonta aos tempos do reinado do nosso rei D. Sancho I, o Povoador, século XII. Neste lugar, estiveram colonos de fora, por ordem real, a «povoar».

A palavra «Pobrais» não deriva de pobres, como parece à primeira vista, mas sim de «povorais», «povoraís», como consta das Memórias Pombalinas de 1758, referentes à freguesia de Vila Facaia.

É lá que nasce a ribeira do Nodel.

O lugar dos Pobrais, ou Povorais, não está bem sinalizado, quanto a estradas. Ao cimo do lugar, a poucos metros de distância, está uma placa que diz «Pobrais». Mas esta placa deveria estar na berma da Estrada Nacional que vem da Castanheira para Figueiró. Ai, sim, ficaria bem. Deve pois ser mudada para lá. E na estrada municipal que vai de Vila Facaia para as Várzeas, ao Vale da Rixa, à entrada do ramal que sobe para os Pobrais, deverá colocar-se uma outra placa a indicar Pobrais.

O recado vai para a C.M. de Pedrógão Grande e Junta de Freguesia de Vila Facaia.

VOLTA AO MUNDO

Coimbra — A penúltima ponte em madeira, de Santa Clara, nesta cidade, foi assente em cima de três pontes. O escritor Augusto Gil Simões afirmou que, estando por cultivar as terras próximas do rio Mondego, o alteamento do rio poderá atingir oito metros, no espaço de mil anos.

Lisboa — A Guarda Fiscal apreendeu no país, no ano de 1986, uns três milhões de contos, em drogas.

— Desde o dia 31 de Dezembro de 1986, as moedas de um escudo (10 tostões), em bronze, do ano de 1979, deixaram de circular.

— Em Lisboa esteve, há pouco tempo, um homem estrangeiro, com 2,40 m. de altura.

Nodeirinho — No dia 13 de Janeiro, na Estrada Nacional, próximo da Barraca do Salvador, por causa de

um eucalipto que estava atravessado no chão, caiu da motorizada e ficou gravemente ferido no pescoço o Sr. Leonel dos Santos Ferreira Nunes, nosso assinante e amigo.

Valongo — O Sr. José Augusto, nosso colaborador, reclamou para a Rádio Renascença que a Estrada n.º 2, que passa na vila de Pedrógão Grande, não tem as bermas livres para os piões, e as silvas em redor são um perigo para acidentes. No dia 11, às 6 horas, na rubrica «Estradas de Portugal», a Emissora Católica alertou a J.A.E.

Muito bem! Valeu a pena!

Lisboa — Os deputados da esquerda, PS, PC e PDR, os políticos atrasados, no dia 24, véspera de Natal, aprovaram a nova lei da Rádio que retira à Rádio Renas-

Continua na pág. 3

A Fonte das Atalaias

Rádio Renascença, às 5.25 horas, no seu belíssimo programa, das 5 às 7 horas, do dia 23 de Dezembro, «Homens da Terra», pela voz de Raul Feio, em onda média e onda curta, leu, comentou e reforçou o artigo de fundo «A Fonte das Atalaias», publicado no número 291 da «Voz da Graça», da autoria do nosso assíduo colaborador, Sr. Prof. Carlos Manuel Silva Godinho.

O nosso muito obrigado à Emissora Católica, cuja voz muito divulga e engrandece a Imprensa Regional, em legítima e oportuna defesa dos valores históricos do País e dos interesses do povo. É precisamente esta preciosa voz que os parlamentares comunistas não querem ouvir nem querem que os outros oíçam, e, por isso, estão apostados em silenciar.

Casualmente abrimos o aparelho de rádio, mesmo na hora H, e de surpresa pudemos ouvir a emissão, já que o postal de aviso só nos chegou na tarde desse dia.

OS PAPAS DA IGREJA



6 — SÃO ALEXANDRE I

Nasceu em Roma. Eleito em 105. Morreu em 115. Foi discípulo de Plutarco. Atribui-se-lhe a instituição da «Água-Benta» nas igrejas e mandou que a Hóstia fosse feita com pão sem fermento.

Santo Alexandre I, o 6.º Papa, e 5.º Sucessor do Apóstolo São Pedro, na cadeira de Roma, a seguir ao Papa St.º Evaristo. Começou a governar a Igreja, quando tinha 30 anos, com tanta santidade e prudência, que até parecia um ancião experimentado. A sua vida exemplar, a eloquência da sua pregação conseguiram muitas

conversões, contando-se entre elas as de vários senadores romanos e de grande parte da nobreza.

Um prefeito, chamado Hermes, foi convertido com toda a sua família por St.º Alexandre; a fama deste triunfo levou o juiz Aureliano a meter na prisão o santo pontífice. Uma noite, estando o Santo em oração, apareceu-lhe um anjo com uma lança resplandecente a iluminar o escuro cárcere, e disse-lhe: «Segue-me, Alexandre». O Santo reconheceu que era um enviado do Senhor e obedeceu-lhe, sem hesitar.

Sairam para a rua e entraram em casa do Tribuno Quirino, onde estava preso o prefeito Hermes. Cheio de alegria, abraçou St.º Alexandre, e mutuamente se amavam, e consolavam. Foi tão terna a conversão por St.º Alexandre, que o Tribuno Quirino se sentiu profundamente abalado. Tendo visto que St.º Alexandre curava uma sua filha só em

Continua na pág. 6

MÚSICA NOVA...

«A terra a quem a trabalha»
É como um grito de guerra,
E sem nada que lhe valha
Por dá cá aquela palha
Todos se afastam da terra,
Quem cava e sua é o Zé.
Si lá sol fá mi dó ré...
Os barcos não vão ao mar,
Já não temos pescadores,
Nem já temos que pescar,
O que temos são doutores
A falar, falar, falar
De olhos postos na maré...
Si lá sol fá mi dó ré...
Já não há fome nem sede,
Há outra terra, outro mar,
Outra charrua, outra rede...
O que é preciso é falar.
Vem tudo da C.E.E.,
Si lá sol fá mi dó ré...
Já ouço a voz do poeta
«Sobre a terra e sobre o mar»
Nos versos que aqui recolho:
«Lá vem a nau Catrineta»
Sem carne ou peixe e sem «cheta»
A pôr a sola de molho.
Si lá sol fá mi dó ré...
Prestes na praia a varar,
Mão à proa e mão à ré!...

FRANCISCO PIRES

FALECIMENTOS

— Na Ribeira da Bouça, Covais, faleceu no dia 24 de Dezembro de 1986, Manuel Dias Rosa.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte, dia de Natal.

— No lugar de Adega, faleceu no dia 26 de Dezembro de 1986, o Sr. António Inácio do Carmo, de 72 anos, casado com a Sr.ª Aurélia da Conceição Nunes, pai dos nossos assinantes Srs. Manuel Inácio da Conceição, de Atalaia Cimeira, e de Gabriel da Conceição, da Carvalheira Pequena.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte e teve Missa de Corpo presente.

— No lugar da Soalheira, faleceu no dia 27 de Dezembro de 1986, o Sr. José David Carvalho, de 79 anos, casado com a Sr.ª Carolina Rodrigues.

O seu funeral realizou-se no dia 30.

— No lugar dos Covais, faleceu, no dia 30 de Dezembro de 1986, a Sr.ª Maria dos Anjos Silva, de 66 anos, casada.

Foi sepultada no dia seguinte.

— No lugar do Outão, faleceu, no dia 30 de Dezembro de 1986, a Sr.ª Palmira da Piedade, viúva de António Henriques Coelho, e mãe do nosso assinante, Sr. Manuel Henriques da Piedade.

O funeral realizou-se no dia seguinte.

— Em Nodeirinho, no dia 13 de Janeiro de 1987, faleceu o Sr. Eduardo Rodri-



gues, de 80 anos, casado com a Sr.ª Juvelina de Jesus Carvalho. Era pai do nosso assinante Sr. Manuel Carvalho Rodrigues, da Carvalheira Pequena.

O funeral realizou-se no dia seguinte.

— No dia 14 de Janeiro de 1987, em casa do Sr. Isidro Conceição Fonseca, faleceu

sua sogra, Sr.ª Josefina Joaquina, viúva, de 83 anos, natural das Cabeças, freguesia de Maças de Dona Maria.

O funeral realizou-se no dia seguinte para o Cemitério de Maças de Dona Maria e teve Missa de Corpo presente, com muita assistência.

Era mãe do nosso assinante, Sr. Manuel Joaquim dos Santos, digno funcionário da C.M. de Figueiró dos Vinhos.

— No lugar do Outão, faleceu, no dia 20 de Dezembro de 1986, o Sr. João Carvalho, solteiro, de 73 anos de idade.

O funeral realizou-se no dia seguinte para o Cemitério da Graça.

— Na Lameira, no dia 4 de Janeiro de 1987, faleceu o Sr. António Lopes, viúvo, de 96 anos.

— No lugar de Nodeirinho, faleceu, no dia 18 de Janeiro de 1987, o Sr. Manuel Carvalho, viúvo, de 89 anos.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte para o Cemitério da Graça.

Era pai dos nossos assinantes Manuel Carvalho, da Eira, e Eduardo Rosa Carvalho, emigrante na África do Sul.

— Na vila de Pedrógão Grande, ao ser levemente tocada por um carro que passava na rua, caiu e teve morte instantânea a Sr.ª Maria das Dores Mendes, viúva de Américo da Silva, e mãe do nosso assinante, Sr. António Júlio Mendes da Silva, comerciante.

Isto passou-se no dia de Natal de 1986.

— No lugar da Marinha, morreu repentinamente na estrada, junto da sua casa, a Sr.ª Laura Rosa Nunes, viúva de Isidro Conceição Mendes, no dia 20 de Janeiro de 1987.

Consta que se envenenara com os pós do escaravelho.

O funeral foi no dia seguinte.

Baptizado

Na Igreja Matriz de Pedrógão Grande, no dia 28 de Dezembro de 1986, foi baptizada a bebé Susana Isabel Fernandes Antunes, filha dos nossos assinantes Sr. Júlio Moreira Fernandes e da Sr.ª Isabel Moreira Fernandes Antunes, do Valongo. É netinha do Sr. José Viola.

Foram padrinhos: Sr. Alberto Miguel Moreira e Maria Júlia Moreira Simões.

Aos 40 convidados foi servido um almoço no Restaurante «Lago Verde», no Cabril. Por circunstâncias razoáveis, os avós paternos não compareceram.

As nossas felicitações.

VENDE-SE

No centro da vila de Pedrógão Grande, belo Solar, com grande quintal. Tratar pelo telef. 039-29106 — Coimbra.

VISITAS

Visitaram esta Redacção os nossos amigos e assinantes:

Adelino Bouça da Silva, Altardo; Carlos Manuel Cortês Simões, Lisboa; Florêncio Henriques e esposa, Carenque; Álvaro da Conceição Costa, Castanheira de Figueiró; Manuel Fernandes Martins, Lisboa; José Januário da Costa e Silva, Souto Abril; Aníbal Antunes David, Cortes (Leiria); Carminda da Silva, Nodeirinho; Vitalício das Neves e esposa, Seixal; Manuel Alves Barata, esposa e filha, Coentral; Mário Godinho da Silva, Atalaia Cimeira; Dionísio Petulante de Oliveira, Almeirim; Manuel Conceição Inácio do Carmo, Atalaia Cimeira; José Tavares de Carvalho Rosa, Nodeirinho; Armando Almeida Baptista, Lisboa; Luís Paiva Manso, Lisboa; Vítor Manuel Conceição Passo Simões, Nodeirinho; Joaquim da Silva Antunes, Vale da Manta, (Pedrógão Grande); Rev. P.º António Barata e Irmã Isabel, Cortes (Álvares).

Sinceros agradecimentos e votos de boa saudade.

ANIVERSÁRIOS

— No dia 20 de Janeiro de 1987, ocorreu o 77.º aniversário natalício da Sr.ª Cesaltina Paiva, de Nodeirinho, nossa assinante.

— No dia 24 de Abril de 1987, ocorrerá o 63.º aniversário da Sr.ª Maria Helena de Sousa Martins dos Santos, de Nodeirinho.

As nossas felicitações.

Boas-Festas

Tiveram a amabilidade de nos enviar cumprimentos de Boas-Festas e Ano Novo as pessoas amigas:

Sr. Comendador Manuel Nunes Corrêa e esposa, D. Maria Eva, Lisboa; Virgínio Dias Vitorino, Lisboa; Joaquim Jesus Coelho Dias, Lisboa; Marcelo Graça Nunes Conceição, esposa e filhos, Lisboa; D. Maria Adelaide Dias da Silva Carvalho, marido e filha, Arados; António Coelho da Fonseca e família, Lisboa; Caixa Geral de Depósitos, Pedrógão Grande; Artur das Neves e Florinda Nunes, Cubal (Angola); Fernando Simões David e família, Joanesburgo; P.º Alfredo Abrantes, Buarcos; Serafim Fonseca Antunes e família, Lisboa; António Coelho Marques, Soure; Manuel Dias Sylvia, América do Norte; Dr. F. Henriques das Neves, Juiz de Direito, Angra do Heroísmo; Manuel Coelho Simões e família, Brasil; Amadeu Lopes Rodrigues e Sr.ª D. Iracy, S. Paulo (Brasil); Albano Nunes David, esposa Idalina e filhos, França; Madame Nunes Laia Lucile, França; Manuel Nunes Coelho, esposa e filho, Canadá; Luís Paiva Manso e família, Lisboa.

Com pleno gosto retribuimos os votos de que o Novo Ano traga a todos as maiores felicidades.

Agradecimento

Faleceu, no dia 26 de Dezembro, no Hospital de Figueiró dos Vinhos, com 76 anos de idade, Laurinda da Silva, viúva, residente em Agria Grande.

O funeral realizou-se no dia seguinte, para o cemitério de Figueiró dos Vinhos, com grande assistência. Teve Missa de Corpo presente.

Seus filhos, genros, nora e netos, mergulhados na sua dor, agradecem muito reconhecidos a todas as pessoas que partilharam deste momento tão doloroso.

Paz à sua alma.

Agradecimento

— No dia 16 de Dezembro de 1986, em Derreada Fundeira, freguesia e concelho de Pedrógão Grande, faleceu



a menina Anabela Maria Tomás Neves, de 16 anos de idade.

O funeral realizou-se no dia seguinte para o Cemitério de Pedrógão Grande.

Seus pais, D. Adília Maria e Sr. Manuel Rodrigues, nossos assinantes, agradecem a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la à sua última morada, e bem assim a todos os patrões e empregados da Caper Salfrujo, por não poderem agradecer pessoalmente, fazem-no por intermédio do jornal «Voz da Graça».

Agradecimento

— No dia 14 de Janeiro de 1987, faleceu, em Nodeirinho, a Sr.ª Josefina Joaquina, viúva, natural das Cabeças, freguesia de Maças de Dona Maria.

Filhos, filhas, noras, genros, netos e restante família, com profundo reconhecimento, agradecem a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la à sua última morada.



Cerimónia do Baptismo do neófito João Pedro

OFERTAS

Para N.º Sr.ª da Graça:

Sr. Alfredo Mendes Delgado Júnior, Bolo, 100\$00; D. Maria Helena Dias da Silva, África do Sul, 81\$50.

Para N.º Sr.ª do Leite:

Sr. Alfredo Mendes Delgado Júnior, Bolo, 100\$00; Sr. Florêncio Henriques, Carenque, 50\$00; Sr. Manuel Fernandes Martins, Lisboa, 20\$00. Bem hajam.

Agradecimento

— Em Luxemburgo, faleceu, no dia 15 de Janeiro de 1987, a Sr.ª D. Alice Fernandes, casada com o Sr. António Coelho, mãe do nosso assinante Sr. Américo Fernandes Coelho, casado com a Sr.ª Dionilde Assunção Coelho, emigrantes no Luxemburgo, e de D. Maria de Lurdes Fernandes Coelho David, casada com o Sr. Carlos Manuel C. Simões David, carteiro, nossos assinantes e residentes em Pedrógão Grande.

O funeral realizou-se em Pedrógão Grande, no dia 20.

Marido, filhos, nora, genro, e restante família, agradecem com profundo reconhecimento a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada.

BAPTIZADO

No dia 27 de Dezembro de 1986, na Igreja Paroquial da Graça, foi baptizado João Pedro Ferreira Fonseca, nascido em Rio Maior, no dia 6 de Fevereiro de 1986, filho do nosso assinante, Sr. Donaciano Fonseca Francisco e de D. Maria Magna Ferreira Fonseca.

Foi padrinho o Sr. Eduardo Jorge Dias Simões Francisco, casado, de Atalaia, Vila Nova da Barquinha. Foi madrinha a menina Anabela Maria Conceição Bernardo Laia, de Nodeirinho.

O Sacramento foi administrado pelo P.º Aníbal Henriques Coelho, devidamente autorizado pelo Rev. P.º António Barata Reis.

No Solar, Figueiró dos Vinhos, foi servido a todo o acompanhamento um lauto jantar.

Imploramos a Deus felicidades para o João Pedro, e a seus pais apresentamos as nossas felicitações.

«Voz da Graça»

Publicação Mensal

Redacção e Administração: Nodeirinho / 3270 Pedrógão Grande

Director e Editor: Aníbal Henriques Coelho

Fotocomp., montagem, impressão: Gráfica Almondina Torres Novas

Preços: Continente, 250\$00, por 12 meses; Estrangeiro, 600\$00

Tiragem mensal de 2000 ex.

VOLTA AO MUNDO

Continuação da 1.ª pág.

cença as duas frequências que lhe foram atribuídas pelo anterior Governo de Mário Soares, embora a título provisório.

Este projecto de lei, como é óbvio, causou uma onda de repulsa e descontentamento, pois se vigorasse, o que Deus não permita, privaria milhões de ouvintes dos apreciabilíssimos programas que em onda média não se conseguem ouvir, em muitas regiões.

A Conferência dos Bispos, reunida extraordinariamente, considera reprovável o comportamento da maioria parlamentar dos «padrastos da Pátria», denuncia a grave injustiça cometida, alerta os católicos para a gravidade da questão e suas consequências, e garante, ao mesmo tempo, total apoio à Emissora Católica Portuguesa, na afirmação e defesa dos seus legítimos direitos.

O Partido Socialista, quando esteve no Governo, concedeu, mas agora, porque está na oposição, retira!

Por lógica e coerência, é de esperar que Mário Soares, agora Presidente da República e de «todos os portugueses», venha a VETAR tão injusto projecto de lei de manifesta perseguição à Igreja. A maçonaria e o comunismo querem silenciar a voz da Rádio Renascença, a voz da Igreja, a voz da verdade.

Os terços rezados são para eles uma provocação!

Bouça — No dia 16 de Janeiro de 1987, vindo de Castelo Branco, um carro que conduzia um tanque de azeite de 20000 litros, no valor aproximado de 700 mil contos, ao entrar na Ponte do rio Zêzere, em sítio gelado, devido à travagem brusca, despistou-se e o depósito do azeite rebentou; o azeite entornou-se pela estrada, indo muito para o rio. O prejuízo é de cerca de três mil contos. Acudiram populares das Atalaias e dos Carvalhos, a apanhar o líquido espalhado pela estrada.

Coimbra — No dia 11 de Janeiro, Domingo, a abrir o Centenário, foi prestada uma grandiosa e merecida homenagem, ao Apóstolo da Caridade, o Padre Américo Monteiro de Aguiar, fundador da «Casa do Gaiato» e do Patriómio dos Pobres.

Na Sé Catedral, celebrou-se Missa de Solene Pontifical, presidida pelo nosso Bispo, D. João Alves, que falou e disse grandes verdades.

Na Reitoria da Universidade, à tarde, houve Sessão Solene. Falou o Sr. Bispo de Aveiro, D. Manuel de Almeida Trindade. Falou também o Sr. P.º Aurélio de Campos. Foi grande a multidão dos assistentes.

Está em marcha a Causa da Beatificação do P.º Américo, que fez o Curso de Teologia no Seminário de Coimbra, onde se ordenou de Sacerdote e foi Prefeito, na 2.ª Prefeitura, em 1929. O autor destas linhas foi um dos muitos seminaristas confiados à sua direcção.

A nossa R.T.P. guardou silêncio!

Rússia — O «grande» soviético Gorbatchev vai libertar milhares de presos políticos. Será verdade?

— Cientistas soviéticos utilizaram um simples receptor de rádio ligeiramente modificado para medir a temperatura dos órgãos humanos doentes.

Londres — Um jornal comunista britânico, de 28 mil exemplares, num país de 57 milhões de habitantes, está em crise. No ano de 1986 teve um défice de 70 mil contos. Teve de despedir 40 trabalhadores.

Leiria — Em Pousos, uma mulher misturou raticida num garrafão de vinho, e assim matou o marido.

Lisboa — O «Diário», jornal comunista, publicou, em 1980, umas calúnias graves, pela pena de Urbano Tavares Rodrigues, contra o carismático e malogrado Francisco Sá Carneiro, então Primeiro-Ministro.

Foi condenado pelos tribunais a pagar à sua família cerca de mil contos.

— Segundo uma sondagem feita pelo jornal «Expresso», 62% estão do lado dos Bispos de Portugal contra a Lei da Rádio, e só 38% são a favor dos políticos atrasados e «padrastos da Pátria», os deputados esquerdistas da Assembleia da República.

Perú — Já a caminho do cemitério, morreram onze pessoas que, enquanto velavam um defunto, beberam aguardente envenenada.

Lisboa — A portaria n.º 210, de 13 de Maio de 1986, negava o «porte pago» aos jornais predominantemente religiosos. Depois de muitos e justos protestos, veio já publicada nova portaria, n.º 210/86, de 3 de Dezembro, a qual, pela primeira vez, concede a todas as publicações

de carácter religioso o benefício da expedição postal gratuita. Ainda bem que se fez a devida justiça.

Castanheira de Pêra — Em 1892, a C.M. de Pedrógão Grande concedeu 3 contos à freguesia de Castanheira, para a construção do mercado.

Honduras — Foi descoberto que certos estrangeiros adoptavam bebés hondurenhos para depois venderem partes dos seus corpos para transplante de órgãos. As crianças eram também utilizadas em rituais satânicos e crimes sexuais.

Que negócio tão arrepiante e macabro!

Figueiró dos Vinhos — Na tarde de sábado, dia 17 de Janeiro, os Srs. Alberto Portela, alfaiate, e Manuel Arinto, comerciante, estavam a espreitar o sol, em pé, no lancil, ao Rego. De repente surge sobre eles um carro, guiado por um menor de 17 anos, de Penela, carro roubado, de matrícula falsa. Gravemente feridos, foram levados ao Hospital. Manuel Arinto, falecia horas depois. O criminoso não tem carta. A G.N.R. tomou conta da ocorrência.

Lisboa — O Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), concedeu um milhão de contos para a região das Beiras. Pedrógão Grande recebe 30072 contos, sendo 8597 contos para Vila Facaia, 12988 contos para a Louriceira e 8487 contos para loteamento industrial.

Para Aldeia de Ana de Avis, 28000 contos; para Castanheira de Pêra, 20983 contos; para Ansião, 7871 contos; Alvaizere, 23869 contos.

Graça — No lugar dos Matos, em terreno do Sr. Albino Nunes, criaram-se duas aboboras que pesaram, uma 30 quilos e a outra 35 quilos. Uma foi vendida em leilão no arraial de N. Senhora da Piedade e rendeu 1000\$00, por

altura da festa e em benefício da festa.

Lisboa — Segundo medidas aprovadas na Assembleia da República, quem fumar ou fizer lume de qualquer espécie, no interior das matas ou nas estradas e caminhos que as atravessam, fica sujeito à multa de 20 a 100 contos.

Já ardeu um terço da floresta do nosso pobre e pequeno país. É caso para dizer: «depois de casa roubada, trancas na porta».

Já chega... Poupeemos o pouco que nos resta.

Espanha — O músico Álvaro Rafael Bastos, crente em bruxaria, de 33 anos, cravou uma estaca no peito do pai, escondeu o cadáver no banco traseiro do seu automóvel e vigiou o veículo durante 24 horas com o medo de que ele «ressuscitasse». Fez isto porque ele «encarnava o mal».

O que a magia negra faz!

Pedrógão Grande — Perito de Vila Nova da Rainha, foi pescado um peixe que pesou 98 quilos. Consta do n.º 28 do «Campeão do Zêzere», de 24 de Janeiro de 1892.

Lisboa — O Sr. Presidente da República, no dia 22 de Janeiro de 1987, VETOU a Lei da Rádio, redigida por Almeida Santos, e aprovada na A.R. pelos deputados do PCP, PS e PRD, aos quais o Sr. Arcebispo de Braga chamou «padrastos da Pátria».

Se fosse antes tal lei, prejudicaria muitíssimo os portugueses, na maioria católicos.

Com o justo veto, o supremo magistrado da Nação prestou ao País um louvável serviço e só se prestigiou. Fez justiça.

Castelo Branco — Vai ser construída nesta cidade uma Escola Superior Agrária. O orçamento é de 478 mil contos.

Covilhã — Para melhoramentos públicos foram adjudicados 900 mil contos.

Finlândia — No dia 9 de Janeiro, registaram-se 46º negativos. Para aquecer as pessoas, foi preciso pôr nas ruas braseiras acesas.

Roma — No Vaticano, o Papa João Paulo II anunciou que, em 7 de Março, começará o Ano Mariano, e só terminará em 15 de Agosto de 1988.

Antes será publicada uma Encíclica Papal sobre a Virgem Nossa Senhora.

Espanha — Em Oviedo, uma mulher de 86 anos foi internada num Hospital para lhe ser cortada a perna esquerda.

Mas o médico operador não leu bem as instruções, e talvez por ser da esquerda, cortou-lhe a direita!

Camarate — A nova Comissão de Inquérito sobre o desastre que vitimou Sá Carneiro, Amaro da Costa e outros, chegou à conclusão de que houve sabotagem...

Lisboa — O selo das cartas subiu de 22\$50 para 25\$00.

Mas as taxas de juros desceram. Para não ser tudo a subir!

SÓ PARA RIR

ADIVINHA

Qual é a coisa, qual é ela,
Tem pernas e não anda;
Tem boca para abrir;
Quem a monta vai a pé,
Pois a cavalo não pode ir.

Solução da anterior: Açores

ANEDOTAS

Uma garotita entra numa livraria e diz ao empregado:

— Quero aquele livro que está ali na montra, e que diz: «Como prender os homens».

— Mas isso não é livro próprio para meninas, nem para a sua idade.

— Calha bem; eu também não o quero para mim. É para oferecer ao meu pai que é polícia.

* * *

Conversa do cavalo para o burro:

— Ai de ti — dizia o burro —, com tantos inventos humanos, ficas arrumado. Vais ser substituído por completo.

— Mas tu ainda estás pior do que eu — dizia o cavalo —. Tenho muita pena de ti.

— Ora deixa lá! Burros há-de havê-los sempre.

* * *

Em certa aldeia, viveu um casal felicíssimo.

Ela chamava-se Rita e ele tinha a alcunha de Sabém. Passavam as horas vagas numa alegria de encanto e de harmonia sem igual. Quando ele tocava a sua rica guitarra e cantava, ela ria-se e batia palmas. Trabalhavam e viviam felizes, e assim foram passando a vida num mar de rosas. Isto passou-se muito antes do 25 de Abril, antes de nascer entre nós a democracia.

E um dia já velhinhos, Sabém pediu à Rita que, quando ele morresse, lhe metesse, no caixão, no meio das suas pernas, a sua querida guitarra com que tanto se tinham divertido na sua vida de casados. Rita prometeu fazer-lhe avontade, a última, do seu sempre amiguinho e querido maridinho Sabém.

Ora um dia sempre calhou vir a morte, primeiro por Sabém, e então a viúva alegre, toda fiel ao seu compromisso que tomou para com ele, por descargo de consciência, colocou no caixão, e entre as pernas do defunto, a tal mágica guitarra, a alegre companhia da vida deles, e um papelinho com este lindo verso, feito por ela, num feliz momento de inspiração:

«Sempre morreste, Sabém;
Cá fica a Rita contente aquém,
Com prazer e alegrias,
Ai levas entre as pernas, prò
além,
Aquilo com que nas horas vagas,
me divertias.»

Ditados Populares

«Entrada de leão,
saída de cão».

«Uma terra sem jornal
é como um farol sem luz».

INCARNAÇÃO

Não!, não existem atalhos nem linhas directas para Deus!
e também não é nas alturas inacessíveis dos céus
que O devemos procurar.

Ele tornou-se acessível a cada homem
quando nos criou como sua imagem e seus confidentes;
e renovou esse propósito de proximidade íntima
quando nos enviou o seu Filho e nos deixou o seu Espírito.

Doravante, é na tessitura do quotidiano,
nesta rotina humilde que faz o nosso dia-a-dia
que somos chamados a procurá-lo
e a experimentar a sua presença,
já que foi aí que Ele incarnou
e se quis tornar um interlocutor ao nosso nível
para que O interpelássemos com liberdade
e O escutássemos com amor.

Somos chamados a estabelecer com Deus
uma relação de confiança
que nos assegure contra as agressões da vida
e contra as ameaças do futuro.

Presente intimamente à nossa história
e partilhando até às últimas consequências o nosso destino
tornou-se para cada um de nós
a garantia de que a última palavra
será sempre a sua
e essa é uma palavra de amor e de oferta de salvação.

Assim nós saibamos escutá-la no devido tempo!

CARLOS PAES

O sustento vitalizante

Se 80% das doenças se devem a uma nutrição errada, são também consequência da forma de cozinhar os alimentos.

Manuseando o «Dicionário dos Alimentos», editado pela revista «Viver», de Barcelona, podem-se obter muitas indicações a este respeito. De um modo geral:

A cozedura em imersão causa a perda da maior parte ou da totalidade dos sais minerais e das vitaminas.

A fritura em óleos escassos, sobreaquecidos e requeimados (em que eles próprios formam produtos nocivos, os quais se suspeita possuam propriedades cancerígenas) destrói a albumina e os sais minerais em uns 25% e faz perder todas as vitaminas.

A assadura intensa ocasiona a perda de 15% de albumina e parte das vitaminas e sais minerais.

Por outro lado, aparecem como recomendáveis, sempre que possível: a cozedura em vapor (sem pressão esterilizante); o processo de simples escaldão de vegetais, ovos, etc.; e os grelhados, de preferência com movimento de rotação e sem os deixar tostar maiormente.

As ervas aromáticas ou temperos, se não forem fervidos condimentam melhor, não perdem as suas virtudes medicamentosas e evitam até o uso do sal.

Na actualidade, preconiza-se o consumo durante todo o ano de saladas e frutas, convido a ingestão diária de alguma quantidade de vegetais verdes também crus (contra a cegueira).

A medicina antiga curava, nomeadamente a indigestão, com o uso de determinados alimentos crus.

Eduardo Cardigo

«Contemplar como o Francisco e amar como a Jacinta» NO 70.º ANIVERSÁRIO DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA

Celebra-se em 1987 o 70.º aniversário das aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria. Para tema das peregrinações ao Santuário de Fátima, durante o ano, foi escolhida a frase: «Contemplar como Francisco e amar como a Jacinta», tema que traduz de modo muito sintético o essencial da Mensagem de Fátima, como chamada à oração e penitência.

Segundo afirma o Reitor do Santuário, Mons. Luciano Gomes Paulo Guerra, no artigo de fundo do número de Janeiro da *Voz de Fátima*, «este tema foi sugerido pela notícia de que a hierarquia da Igreja em Portugal convidara o Santo Padre para voltar a Fátima no ano 70.º das aparições de Nossa Senhora e lhe pedira mesmo para que aproveitasse a ocasião para beatificar as duas crianças videntes, já falecidas, Francisco e Jacinta Marto».

Ainda segundo o Reitor do Santuário, «se o Santo Padre vier e beatificar as crianças, o tema está preparado para suporte de um ano de jubilo, não só para as crianças mas para todos os peregrinos da Cova da Iria. No caso do Santo Padre não vir (ou não beatificar as crianças), o tema que escolhemos continuará a servir de suporte a muitas acções verdadeiramente condizentes com o espírito e a letra da mensagem dada em Fátima, quer por Nossa Senhora, quer pelo anjo».

Este tema surgiu de uma reunião da equipa de trabalho responsável pela preparação da peregrinação das crianças ao Santuário de Fátima, peregrinação essa que se realiza todos os anos no dia 10 de Junho.

Nestes últimos anos, os temas anuais propostos pelo

Santuário têm vindo a ter um impacto crescente junto dos peregrinos, proporcionando, tanto a pequenas como a grandes peregrinações, pistas de reflexão e de oração.

O principal meio de divulgação do tema, além de cartazes editados, das celebrações litúrgicas no Santuário e da comunicação social, tem sido a acção dos promotores e animadores de peregrinações, que dele se servem para proporem, aos peregrinos que acompanham a Fátima, momentos de reflexão, oração e formação, adaptando-o às características e especificidade de cada grupo.

A REGRA DO BEM DORMIR

Penso que o autor desta regra é o P.º Manuel Bernardes, famoso escritor que nos deixou, nos seus livros, belas páginas de literatura que se lê com agrado e prazer.

Ela aí vai, para conhecimento de todos:

Até quatro horas dorme o Santo.
Até cinco, o que não é tanto.
Seis ou sete, o estudante, o trabalhador.
Oito ou nove, o passeante, o que goza a vida.
Dez, o porco.
Mais de dez, o morto.

LEIA, ASSINE E DIVULGUE

«Voz da Graça»

“Bombas de Carnaval” brincadeira perigosa e de mau gosto

A utilização de artificios explosivos no período de Carnaval é uma brincadeira de mau gosto e constitui um perigo potencial para os seus utilizadores.

As chamadas “bombas de Carnaval”, engenhos ruidosos muito consumidos por crianças e adolescentes, constituem uma fonte de problemas e preocupações para pais e educadores. Com efeito, a sua manipulação não é isenta de riscos e pode provocar queimaduras mais ou menos graves em quem as usa.

Assim aconteceu no ano passado com uma criança de 10 anos, aluno da Escola Preparatória do Cacém, a quem uma bomba daquele tipo provocou graves queimaduras na mão direita. Na Escola Preparatória Pêro Vaz de Caminha (Porto), por seu lado, uma bomba lançada na rua, lançou fogo à roupa de uma outra criança, provocando-lhe queimaduras que obrigaram a prolongado internamento hospitalar.

Infelizmente, casos como estes não são invulgares, e poderiam ser referenciados em muitos outros estabelecimentos de ensino. Diversas escolas, como a Preparatória dos Olivais, têm feito chegar ao conhecimento das entidades responsáveis a sua preocupação com este problema cíclico. Por outro lado, crianças daqueles estabelecimentos de ensino não hesitaram em elaborar abaixo-assinados em que pedem “para o bem de todas as pessoas, que não se vendam mais bombas de Carnaval”.

A sedução do perigo e os riscos que tal desafio comporta parecem, no entanto, ser mais fortes do que os apelos das crianças do Cacém e do Porto.

Tradição cultural que o passar dos séculos não desgastou, o Carnaval constitui uma prática lúdica que a realidade dos tempos modernos confere maior necessidade.

Com efeito, face ao enorme desgaste que o ritmo quotidiano introduz na vida

de cada um, poucas festividades saberiam, com tanta eficácia, preencher a função “descompressora” que o Carnaval desempenha. Nesta perspectiva, não está evidentemente em causa a possibilidade ou vontade das pessoas se divertirem.

O que já não é tão recomendável é a adopção de comportamentos e a prática de acções que colidem abertamente com o bem estar alheio. E, no caso das “bombas de Carnaval”, tal costume torna-se absolutamente reprovável.

Mas se é um facto que por altura do Carnaval a ordem e tranquilidade públicas são sistematicamente perturbadas pela deflagração daqueles engenhos, não é menos verdade que existem mecanismos legais condicionadores de tais práticas. Com efeito, é proibido o uso de “bombas de Carnaval” na via pública e todos os anos — como já sucedeu este — o Comando da Polícia de Segurança Pública (PSP) difunde instruções junto dos seus agentes, no sentido destes actuarem em conformidade com a lei, como nos foi referido por um porta-voz daquela Instituição.

A proibição de uso daqueles engenhos na via pública apoia-se nas disposições do Decreto-Lei n.º 376/84, de 30 de Novembro, que aprova, nomeadamente, o regulamento sobre o fabrico, armazenagem, comércio e emprego de produtos explosivos.

Depois de equiparar, para este efeito, as “bombas de Carnaval” às “bombas de arremesso”, a PSP apoia-se, entre outras disposições, n.º 2 do artigo 38.º, onde se estabelece que o “lançamento de fogos de artifício designados por “bombas de arremesso” só é permitido na defesa das produções agrícolas ou florestais e no exercício autorizado da caça de batida”.

Os contraventores estão sujeitos a coimas (multas) cujos montantes se encontram expressamente definidos na citada lei.

Este suporte legal com que a PSP fundamenta a sua intervenção em defesa da ordem pública, e indirectamente contribui para defender os consumidores da acção incómoda e perigosa das “bombas de Carnaval”, encontra-se ainda reforçado pelo disposto na Lei de Bases de Defesa do Consumidor (Lei n.º 29/81, de 22 de Agosto) proibindo “o fornecimento de bens ou serviços que, quando utilizados em condições normais possam implicar perigo para a saúde ou a segurança do utente”.

Com diversas origens, têm chegado ao Instituto Nacional de Defesa do Consumidor (INDC) pedidos insistentes de intervenção deste organismo, com o objectivo de tentar pôr cobro ao que é classificado como autêntico “flagelo”.

No cumprimento das suas competências legais, o INDC está a trabalhar na elaboração de legislação que contemple futuramente todas as situações relacionadas com a prática de acções lesivas dos consumidores nesta área, e nomeadamente no que respeita às “bombas de Carnaval”.

Por outro lado, o Instituto Nacional de Defesa do Consumidor tem vindo igualmente a sensibilizar a opinião pública para a gravidade do problema, assim como as autoridades a quem o assunto diz directamente respeito.

Independentemente da vigilância e controlo que competem às autoridades policiais nesta matéria, os pais, educadores e encarregados de educação, em especial, deverão tomar todas as medidas que considerem necessárias, para impedir que as crianças e adolescentes corram riscos, nomeadamente através da proibição de compra de “bombas de Carnaval”, e informando-os, simultaneamente, dos perigos que a sua utilização envolve e das sanções a que ficam expostos pela utilização daqueles engenhos na via pública.

Albino Simões Pereira

PNEUS MABOR
ÓLEOS CASTROL
COMÉRCIO GERAL

Largo do Encontro
Telefone 4 51 21

3270 Pedrógão Grande

JOSÉ DA SILVA

MÉDICO
DE CLÍNICA GERAL

Consultório: Largo Devesa
Residência: Largo do Adro

PEDRÓGÃO GRANDE

Consultas todos os dias

CARLOS PALHEIRA

Vende adubos, sementes, cimento, rações para animais, pesticidas, insecticidas, sal, etc.

Pedrógão Grande.

DR. FERNANDO BRANCO

Médico Especialista
de Clínica Geral

Telefone 5 22 16

3260 Figueiró dos Vinhos

Consultas: segundas e sextas-feiras (das 11.30 às 19 h.)

Sábados: das 9 às 14 horas

Terças, quartas e quintas-feiras (das 9 às 14 e das 18 às 19 h.)

Movimento e jogo faz parte da vida
— MANTENHA-SE VIVO

PADRE ANTÓNIO DE ANDRADE conta como descobriu o Tibete

(Continuação da 1.ª carta)

aflicção que passámos, vendo que depois de tantos trabalhos passados e caminhos tão compridos se cortava assim a nossa pretensão e se acabavam as esperanças de entrar naquela terra que para nós era de mais valia que a da Promissão. Depois de vários discursos nesta matéria, e posto o negócio nas mãos de Deus, pois era seu, me resolvi a intentar o caminho do deserto ocultamente, em que fosse fora de tempo, não duvidando do particular favor e protecção do Céu. Depois de tomadas todas as informações do caminho e do tempo que na passagem se podia gastar deixei o irmão nesta aldeia, por me parecer que não passaria mal algum, e me pus a caminho, uma madrugada, sem ser visto, levando comigo dois moços cristãos e um serrano daqueles por guia, ele e qualquer de nós levava um cambolim para se cobrir e um alforje com alguma coisa para comer. Caminhámos dois dias com a maior pressa que nos foi possível, posto que com trabalho, por razão das neves que neste lugar começavam a se passar com dificuldade.

Se não quando, ao outro dia pela manhã chegaram a nós outros serranos, mandados pelo governador da terra, com grandes ameaças e medo aos que nos guiavam, se fossem mais por diante, dizendo-lhes que sua mulher e filhos ficavam em estreita prisão e seu fato confiscado, e se logo não voltasse haviam de morrer todos; e a mim com várias ameaças e medos procuraram amedrontar, dizendo que meu companheiro que estava na aldeia passaria muito mal, se eu logo não voltasse. E o fatinho que tínhamos seria tomado por perdido, e sobretudo que havia de morrer infalivelmente, se eu ia por diante por não ser ainda tempo de passar aquele deserto, com outras muitas coisas e espantos desta qualidade. O serrano que nos guiava voltou logo; e eu como tinha todas as informações do caminho, me fui por diante com os dois moços, por se não atreverem três que tinham vindo a mais que a nos moverem com palavras. Invocado o nome de Jesus e ajuda do Senhor continuámos por diante; porém o trabalho que passámos foi muito excessivo, porque nos acontecia muitas vezes ficar encravados dentro da neve, ora até aos ombros, ora até aos peitos, de ordinário até ao joelho, começando a sair acima, mais do que se pode crer, e suando suores frios, vendo-nos, não poucas vezes, em risco da vida; muitas vezes nos era necessário ir por cima da neve com o corpo, como quem vai nadando, porque desta maneira não se encrava tanto nela; assim fomos continuando, dormindo as noites sobre a mesma neve, sem ter mais abrigo que deitar um dos três cambolins que levávamos por cima dela, e cobrindo-nos todos os três com os outros dois cambolins; e não era este o maior trabalho, porque mais sentíamos a neve que começava a cair, das quatro horas por diante, quase toda a noite, tão miúda e tão espessa que nos não deixava ver, estando juntos, acompanhada com um vento teso e sobremaneira frio, cobria-nos por cima dos cambolins; e o remédio era sacudi-la por muitas vezes, para não ficarmos enterrados debaixo dela. Nos pés, mãos e rosto não tínhamos sentimento, porque com o demasiado rigor do frio ficávamos totalmente sem sentido; aconteceu-me, pegando em não sei quê, cair-me um bom pedaço do dedo, sem dar por isso, nem sentir ferida, se não fora o muito sangue que dela corria. Os pés foram apodrecendo de maneira que muito inchados, nolos queimavam depois com brasas vivas e ferros abrasados e com muito sentimento nosso; a isto se acrescentaram dois grandes males: o primeiro que cada um de nós tinha um mortal fastio com que ficávamos como que impossibilitados para comer; não me lembra que em doença tivesse outro igual a este; mas a necessidade precisa fazia que sobre todas as repugnâncias comesse alguma coisa, e com muita força e com algumas invenções, procurava com os moços o mesmo, mais do que nunca fiz a doentes graves.

A outra coisa que nos foi de pena, era não achar água para beber, a qual ainda no meio de tais frios nos era bem necessária, por razão da secura que causava o muito trabalho; não era esta falta por faltarem fontes, mas por todas correrem ocultamente por debaixo da neve, e pela mesma maneira, o rio Ganges, vindo por

tudo este caminho por baixo dela. Comíamos pedaços da mesma neve, e às vezes, quando o sol começava de aguentar, derretíamos uma pouca num prato de latão. Nesta forma fomos caminhando até ao alto de todas as serras, onde nasce o rio Ganges de um grande tanque, e do mesmo nasce também outro rio que, rega as terras do Tibete.

Já neste tempo tínhamos a vista dos olhos quase toda perdida, mas eu a perdi mais tarde que os moços, pela muita diligência que fiz em resguardar os olhos; mas não foi bastante para não ficar quase cego, por mais de vinte e cinco dias, sem poder rezar o Ofício Divino, nem ainda conhecer uma só letra do Breviário. Tanto que chegámos ao alto das serras, se seguiam logo umas grandes campinas das serras do Tibete; mas como já víamos muito mal, nem devisávamos mais que tudo branco, sem se poder discernir porque parte podíamos passar adiante; e assim perdemos todas as esperanças de o poder fazer, faltando-nos sinais, pelos quais o fazíamos até ali e já neste lugar não estávamos da cidade real mais que cinco léguas de caminho, e termos como por impossível podermos já passar avante, pois não aparecia mais que campinas de neve, e por outra parte ia-nos faltando o mantimento; e os três moços que era necessário calçá-los e descalçá-los, cobri-los e descobri-los, e ainda meter-lhes comer na boca. Tratei com eles o que devíamos fazer, e assentámos naquela noite que ao outro dia pela manhã voltassem eles para a aldeia, onde tinha ficado o irmão, e poderiam lá chegar, andando bem, em seis dias; e eu me ficaria entretanto só, ao pé daquela altíssima serra, num lugar que por ser muito húmido, se derretia nele a neve, e tinha algum abrigo do vento, ao longo de uma grande pedra, com abundância de água do tanque que acima disse, ficando-me bastante provimento do necessário para oito ou nove dias em que o irmão da aldeia me poderia mandar outro, ou ser Deus servido que aparecesse alguém que me guiasse no que restava de caminho até ao Tibete.

Chegada a manhã, me despedi dos moços, encomendando-lhe quanto pude a diligência no caminhar, que como havia de ser sempre por baixo, e por caminho que já sabiam, poderiam ir muito bem com mais posteza, como lhe importava, porque incorria a sua vida e a minha: a resposta foi porém a chorar como meninos, e que eles sem mim não podiam dar quatro passos, e que por nenhuma via se atreviam sem mim, como na precedente noite me tinham prometido. Nunca com eles pude acabar outra coisa; e assim parece foi Deus servido, por que sem dúvida eles morreriam no caminho, se fossem sós, como logo experimentei. Nesta forma fui forçado a voltar, quase do cabo da jornada, com os mesmos sobresaltos de ser represado, com que tinha chegado ali, dos quais me parecia estar já seguro, com ser o caminho à volta muito fácil, pois era de continua descida.

Foi contudo grande o trabalho que tive, em fazer andar os moços, por já os pés iam tais que se não podiam ter sobre eles; e assim caminhámos de volta três dias e meio, quando, sobre a tarde, ouvi umas vozes como de homem que bradava naquele deserto, mas não víamos quase nada, nem podíamos saber o que seria; fomos porém endireitando para aquela parte, onde soavam os brados, onde nos veio encontrar um serrano com novas do irmão, o qual lhe deixaram mandar os de Mana, antes o solicitaram muito para isso achando-se muito alcançados de que tinham feito, tremendo-se que se nos acontecesse alguma desgraça, como já imaginávamos, lhe tomara o Rei do Tibete estreita conta quando o soubesse. De grande consolação nos foi este homem, do qual soubemos novas certas do irmão; e como os temores de sermos represados estavam já apagados, buscando os da aldeia coisas que dar ao Rajá, para nos não impedir que foi nova de grande alegria.

Por este homem nos mandou o irmão um pouco de refresco de grande estima; e foi uma pouca de farinha de cevada assada, e um pouco de mel, e juntamente para nos cobrir roupa, e para nos amparar do frio, serviu-nos este homem de guia por outros três dias.

(continua)

NODEIRINHO

Falecimento
do P.^o Manuel Joaquim Barreto

«Em os vinte e oito para os vinte e nove dias do mês de Outubro de mil setecentos e noventa e sete annos, morreo, só com o Sacramento da Extrema Unção — por não se dar lugar para receber os mais sacramentos — o Rev. Manoel Joaquim Barreto, de Nodeirinho, desta mesma freguesia da Graça.

Seu corpo foi sepultado dentro da Igreja de Nossa Senhora da Graça, de cuja freguesia hera natural; por ser verdade, e para constar, fis este assento que assignei, dia, mês, e anno "ut supra".

O Cura Manoel da Graça»

À margem da nossa esquerda, lê-se:

«Nodeirinho
P.^o Manuel Joaquim Barreto.
Teve 3 officios. Fês seu testamento.
Graça.»

Isto já foi quase há 190 anos. Este assento de óbito encontra-se no Arquivo Distrital de Leiria.

O P.^o Manuel Joaquim Barreto mandou construir, nela viveu e morreu a casa ainda hoje existente, e propriedade do Sr. António da Silva Antunes e que foi dos falecidos Joaquim Antunes e do filho José Antunes.

Era Capelão da extinta capela de Nossa Senhora do Leite. Morreu ele, morreu também a capela.

PEDE-SE

À pessoa que levou do cemitério um porta-moedas, o favor de o entregar, e as fotos que são de grande estimação e só para mim têm valor; o dinheiro pode ficar com ele; já que é amigo do alheio. Obrigada.

Maria Celeste Pereira Serra
Pedrógão Grande

VENDE-SE

Casa de habitação e anexos, poço de água com motor, com quintal de videiras e oliveiras com água da rede, luz eléctrica, no Casal da Marinha. Trata José Lopes — Casal da Francisca — Telef. 5525 19.

ANTÓNIO MENDES DA SILVA

AUTOMÓVEIS

Compra / Vende / Troca

Trav. dos Moinhos, 20-1.º Dt.
Telef. 641826 — 1300 LISBOA

SUPERMERCADO TAINHA

DE

Aníbal Tainha Lopes da Costa

Rua de S. Pedro, 1 — Brandariz
PENOSINHO — 4415 Carvalhos
Telef. 7625058 (Vila N. de Gaia)

Se tem a sua arca ou o seu frigorífico (seja qualquer marca) avariados, não tenha problemas. Contacte com ALFREDO ANTUNES — Derreada Cimeira — Pedrógão Grande.

Colmeias e enxames

Tudo para as abelhas

PREÇO DE FÁBRICA

POLIMERCADO DA LOUSÃ

Telefone 991712

ATENÇÃO

Se tem a sua arca congeladora ou o seu frigorífico avariado, não tenha problemas.

Contacte com José Augusto — VALONGO — Pedrógão Grande.

O NOSSO CORREIO

Desde 17 de Dezembro de 1986 até 15 de Janeiro de 1987, registamos as seguintes verbas, e agradecemos aos seguintes assinantes:

Com 24000\$00 - Sr. Comendador Manuel Nunes Correia, Lisboa.

Com 4920\$00 - Matadouro Regional, Pedrógão Grande.

Com 2500\$00 - Sr. António Coelho da Fonseca, Lisboa.

Com 1057\$00 - Sr. Manuel Nunes Coelho, Canadá.

Com 1500\$00 - Sr. Carlos Manuel Costes Simão, Lisboa.

Com 1000\$00 - Srs. António Morais Moreira, Lisboa; Manuel Moreira Henriques Barata, Suíça; Marcelo Graça Nunes Conceição, Parede; Albano Nunes David, 50 alheiras, França; Gervásio da Conceição Luís, Figueiró dos Vinhos; Aníbal Antunes David, Cortes, Leiria; Vitalício das Neves, Seixal; António Maria José, Troviscais; Fernando Simões David, África do Sul; Luís Paiva Manso, Lisboa; Manuel Dinis Jacinto Nunes, Troviscais; Paulo Manuel Costa da Conceição, Coimbra.

Com 900\$00 - Sr. Domingos dos Santos Coelho, Castanheira de Pera.

Com 700\$00 - Srs. Fernando Silva Godinho, Atalaia Cimeira; Carmindo da Silva, Nodeirinho; Constantino Coelho Dinis da Silva, Figueira.

Com 720\$00 - Sr. Gustavo Manuel Jesus Medeiros, Figueiró dos Vinhos.

Com 600\$00 - Srs. D. Fernanda David Carvalho, Pedrógão Grande; Alexandre Mendes da Silva, Madeira; Libânio Lourenço Caetano, Carvalheira Pequena; Manuel Henriques, Brasil; José Januário da Costa e Silva, Souto Abril; Manuel Leitão e Silva, Outro Monte.

Com 500\$00 - Srs. Serafim Fonseca Antunes, Lisboa; Manuel Dias Rosa, Moleiros; D. Edite do Carmo Martins Simões, Pombal; D. Maria Adelaide Silva Carvalho, Arados (Samora Correia); José da Silva Pereira, Figueiró dos Vinhos; António Marques Nunes, Chãos de Figueiró; Armindo

Paquete Nunes, Odivelas; D. Maria Arcelinda Dinis Vicente Pereira, Aveiro; Carlos Pa-
lheiro, Pedrógão Grande; Joa-
quim Jesus Coelho Dias,
Costa do Castelo; Aníbal Me-
deiros, Figueiró dos Vinhos;
Sebastião Conceição Simões,
França; Manuel Alves Barata,
Coentral; Mário Godinho da
Silva, Atalaia Cimeira; D. Aida
Godinho Neves, Lisboa; Ma-
nuel Coelho Domingues, Mos-
cavide; D. Elvira das Neves
Coelho, Castanheira de Pera;
José Rodrigues Fernandes
(caça), Pesos; Eduardo Ma-
nuel Pinto Coelho, Pedrógão
Grande; Serafim Santos Abru-
nheiro, Estoril; Manuel Leitão
Silva, Pampilhosa da Serra;
Manuel Conceição Inácio do
Carmo, Atalaia Cimeira; David
Pereira da Silva, Figueiró dos
Vinhos; Adelino de Oliveira
Leitão, Belas; D. Olinda R. O.
Roldão, Pedrógão Grande; Al-
fredo David Lopes, Lameira
Cimeira; D. Alzira de Jesus
Abrantes, Moscavide; Álvaro
António da Silva, Lisboa.

Com 460\$00 - D. Maria do
Céu Antunes Luís, Algueres.

Com 400\$00 - Srs. Jaime
Nunes Henriques, Moleiros;
Abílio Paiva Tavares, Feijó;
Humberto Pedroso Martins,
Castanheira de Pera; João
Freitas Nunes, Açores; Joa-
quim da Silva Antunes, Vale
da Manta.

Com 350\$00 - Srs. Adrião
Lopes Graça, Altardo; José
Viola, Valongo; Álvaro Con-
ceição Costa, Castanheira de
Figueiró; Manuel Fernandes
Martins, Lisboa; Adelino Lopes
dos Santos, Lisboa.

Com 300\$00 - Srs. Adelino
Bouça da Silva, Altardo; Flo-
rêncio Henriques, Calçada da
Gargantada; Manuel Lopes,
Moninhos Fundeiros; Amadeu
Coelho Farinha, Pedrógão
Grande; José da Conceição
Simões, Figueiró dos Vinhos;
Alfredo Assunção Mendes Da-
vid, Adegas; Avelino Ruas Tei-
xeira, Adegas; António Caetano
Neves, Chimpelles; Aníbal da
Graça Ferreira, Marinha; D.
Amélia Nunes Cotrim, Marinha;
Álvaro Conceição Rodri-
gues, Amadora; Martinho Gon-
çalves Lopes, Pedrógão
Grande; Manuel Fernandes,
Tojeira; Manuel da Silva Antu-
nes, Nodeirinho; Eugénio da
Silva, Parede; Aníbal Silveira
Herdade, Quinta da Telhada;
José Nunes de Assunção,
Carvalheira Pequena; Dio-
mário Petulante de Oliveira,
Almeirim; Menina Aurora Ce-
leste David, Almeirim; Júlio de
Almeida Baptista, Altardo; D.
Maria Helena de Sousa Mar-
tins dos Santos, Nodeirinho; D.
Alice Serra David, Ouzenda;
D. Maria do Carmo Simões
David, Lisboa; António Costa,
Pedrógão Grande; Carlos Fer-

nandes do Jogo, Pesos; Ade-
lino Conceição Joaquim, Mari-
nha; Eduardo Dias Bandeira,
Verdelhos; António Manteigas,
Pedrógão Grande; Augusto
dos Santos Rodrigues, Pe-
drógão Grande; José Pedroso
Neves, Lisboa; D. Aurora das
Neves Carvalho, Ramalho; Al-
fredo Francisco, Pedrógão
Grande; Alfredo Mendes Del-
gado Júnior, Bolo; José Ta-
vares de Carvalho Rosa, No-
deirinho; José do Carmo Cam-
pos, Figueiró dos Vinhos; Ar-
mando Almeida Baptista, Lis-
boa; Emílio Dinis, Troviscais;
Vitor Manuel Conceição
Passos Simões, Nodeirinho;
José Tomás dos Anjos, Picha;
José Rui Fernandes Ventura,
Pedrógão Pequeno.

Com 250\$00 - Um assi-
nante da Marinha.

Com 200\$00 - Um assi-
nante do Vale da Neta.

Estou a escrever-lhe estas
linhas à luz duma lanterna
de pilhas; nem deu tempo de
acabar de ver a telenovela;
fiquei sem saber se o diabo
sempre é o Raul ou não.

No nosso famigerado con-
celho, logo que chegam as
primeiras chuvas e ventos do
Outono, a luz apaga-se,
noites inteiras, muitas vezes,
entre as 21 horas e as 8
horas do dia seguinte, e
então hoje o corte da luz é
geral! Não há justificação al-
guma dada ao consumidor,
não há piquetes de repara-
ção, enfim fica tudo às escu-
ras. E quando chego à va-
randa e olho em volta, vejo
tudo aceso para os lados de
Figueiró, das Bairradas, dos
Carvalhos, de Cernache, do
Castelo, tudo tem luz, menos
a nossa terra! Isto deve
querer dizer alguma coisa: o
desleixo, o desinteresse; a

preguiça é tanta que não há
sistemas de distribuição
elétrica que resistam a
tanta incúria.

E então no Inverno é uma
desgraça! Só as contas da
luz ao fim do mês são exorbi-
tantes de taxas e consumos!
Por hoje é tudo.

Obrigado pela atenção.
Votos de boa saúde.

Atalaia Cimeira, 13-11-86.

C. J.

Barreiro, 18-12-1986

Amigo e Sr. Padre Aníbal,

Desejo-lhe uma boa saúde;
eu e os meus, bem feliz-
mente.

Junto ao desejo de um
Santo Natal para todos nós,
mandado-lhe um cheque no
valor de mil escudos, com o
fim de regularizar a minha
assinatura do jornal «Voz da
Graça» que não dispenso e
que cá em casa todos gos-
tamos de ler.

Que Deus lhe dê muitos
anos de vida com saúde e
disposição para continuar a
fazer um jornal, que traz aos
ausentes daí, notícias da
nossa terra que nunca nos
esquece e deixa sempre sau-
dades.

Queira receber cum-
primentos de minha esposa e
filho e um abraço de um
amigo certo.

Dionísio José

Em defesa

Na «Voz da Graça», apareceu
A «Voz dum Melro» magoado;
Por alguém ter evocado,
Um ente querido que morreu.

O autor não pretendeu
Ofender seja quem for;
E a imagem pura da dor
Nos seus versos transpareceu.

Não sabe «rir» como pretende,
De quem por infelicidade,
Já conhece a eternidade,
E de nada se defende.

Falar dos mortos é tristeza,
Saudade para quem escreve;
Fica mal a quem se atreve,
Crítica tal subtileza.

No meu pobre ver-se-ja,
Desejar mais não sei;
Mas a quem eu evoquei,
Que Deus tenha em bom lugar.

E agora para finalizar,
Eu vou dizer apenas:
Oh! Melro, deite fora as penas,
E continue a cantar.

Lisboa, 7-10-87

Manuel Conceição Fonseca

OS PAPAS DA IGREJA

Continuação da 1.ª pág.

lhe tocar, converteu-se com
todos os presos à religião
Cristã. Foi imediatamente bap-
tizado pelos sacerdotes
Evêncio e Teódulo. Logo que
o juiz Aureliano teve notícia do
que ocorrera em casa do Tri-
buno Quirino, mandou-o ator-
mentar e degolar, e a sua filha,
a Santo Alexandre, a Evêncio,
a Tódulo e aos presos conver-
tidos e baptizados.

Empregou com bárbaro en-
carnçamento os mais horro-
rosos suplícios. Por fim todos
alcançaram a palma imortal de
mártires de Jesus Cristo no dia
3 de Maio do ano de 132. Os
corpos de St.º Alexandre e de
seus companheiros foram se-
pultados fora da cidade de
Roma, na via Nomentana, a
sete milhas de distância.

Mais tarde foram transpor-
tados para a Igreja de Santa
Sabina, que era convento dos
padres Dominicanos.

Santo Alexandre foi Papa
durante dez anos, cinco
meses e vinte dias, segundo
Barónio. Mas o escritor Eu-
sébio marca-lhe apenas dez
anos, e o livro dos pontífices
romanos dão-lhe dez anos,
sete meses e dois dias, de
pontificado.

St.º Alexandre ordenou que
na missa se consagrasse pão

não fermentado, para simbo-
lizar a pureza do Santíssimo
Sacramento. Ordenou que na
Consagração do Cálice se
misturasse água no vinho,
para significar a união de
Cristo com a Igreja e repre-
sentar a água e o sangue que
sairam do divino lado de Je-
sus. Mas estas disposições
não foram criações suas, mas
sim dos Apóstolos. St.º Ale-
xandre aprovou-as e estabele-
ceu-as em seus cânones. S.
Cipriano e S. Justino falam da
mistura da água com o vinho,
no cálice, como de doutrina
ensinada aos Apóstolos por
Nosso Senhor Jesus Cristo.

O Papa St.º Alexandre
acrescentou à Missa a frase
que começava «Qui pidi-
am pateretur...» (foi no dia
anterior ao da sua morte).

Escreveu três epístolas que
se encontram no primeiro
tomo dos «Concílios». Con-
feriu três vezes Ordens, no
mês de Dezembro, e nelas or-
denou seis presbíteros, cinco
bispos e dois diáconos.

O Papa Santo Alexandre foi
na verdade um grande santo
e um dos pontífices mais ze-
losos pela glória de Deus.

A sua festa litúrgica era co-
memorada, no dia 3 de Maio,
com esta linda Oração do Bre-
viário:

Concedei-nos, Deus omni-
potente, que veneremos o
nascimento do vosso Santo
Papa Alexandre, e por sua in-
tercessão sejamos livres de
todos os males que nos ro-
deiam e ameçam.

Por Nosso Senhor Jesus
Cristo, vosso Filho, na unidade
do Espírito Santo.
Amen.

António Silva de Jesus



De visita a seus pais, Sr.
José Alfredo de Jesus e D. El-
vira da Silva, nossos assinan-
tes, e a sua irmã, menina Na-
talina, de Nodeirinho, esteve
nesta Redacção o nosso assi-
nante, Sr. António Silva de Je-
sus, conceituado comerciante
em Alhandra, onde é «Soldado
da Paz».

Curso completo



A menina Ana Cristina de
Carvalho Henriques, de 21
anos, natural de Almada, filha
do nosso assinante, Sr. Clau-
dino da Conceição Henriques e
de D. Palmira Henriques de
Carvalho, terminou, no dia 17-
12-86, o seu curso de enfer-
magem geral, na Escola de En-
fermagem Artur Raura, em
Lisboa.

Iniciou as suas funções no
dia 22-12-86, no Hospital de D.
Estefânia.

«Voz da Graça» apresenta
sinceros parabéns.

O Povo Canta

Cantigas novas, modernas
Sabes tu bem pouquinhos.
Cantas umas, cantas outras,
E nenhuma são iguais às minhas.

Cantigas são pataradas
Palavras dadas ao vento
Quem para cantigas olha
Tem fraco entendimento.

Em bem sei que sabes, sabes.
Eu bem sei que sabes bem.
Eu bem sei que sabes dar
O valor a quem o tem.